

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

MEIAS-VERDADES NÃO RESOLVEM

Documento escrito por Eric Sachs (PO exterior)

Publicado em: maio de 1977

Documento digitalizado em: 22.05.2009

Fonte: Acervo Victor Meyer

MEIAS-VERDADES NÃO RESOLVEM

Eric Sachs

Acreditamos que a autocrítica contida na Tese sobre Conjuntura e Tática aprovada na IV Conferência representa um passo na direção certa. cremos também, entretanto, que a autocrítica e as decisões tomadas na ocasião não esgotam os problemas que o grupo está enfrentando atualmente e cujas causas são mais profundas. Tentaremos sistematizá-los de forma sucinta:

1) Evidentemente que o problema da função do programa era visto de forma dogmática. Um programa não é um livro de receitas para fazer a revolução e não pode dar respostas a todas as situações que se criam na longa marcha das lutas de classes. Se fosse assim, a nossa função seria muito mais fácil. Mas acontece que a realidade exige iniciativas e forças criadoras muito maiores que a mera adaptação de textos programáticos.

Um programa contém:

- uma análise da situação (nacional e mundial), isto é, uma interpretação da realidade existente;
- a definição dos objetivos da luta, isto é, o programa máximo;
- a definição dos objetivos estratégicos, isto é, das metas intermediárias, marcos qualitativos, que permitem continuar a luta em condições mais favoráveis e em nível mais alto;
- finalmente recomenda medidas táticas, que surgem das necessidades criadas pela situação na qual o documento foi redigido.

Está claro que esta última parte, que se refere à tática, facilmente é superada, quando as condições de luta sofrerem alterações. Isso, entretanto, não desvaloriza um programa. Sempre se supõe que revolucionários tenham os critérios necessários para reconhecer tais alterações e que saibam definir novas táticas em documentos suplementares.

No IV Congresso da Internacional Comunista, quando se começou a elaboração de um projeto-programa para a organização mundial, surgiram divergências a respeito dessa questão no seio da Comissão encarregada dos trabalhos. Bukharin discordava de Thalheimer sobre a necessidade de inclusão de recomendações táticas, argumentando com a sua temporariedade e fácil superação. Quando o problema foi apresentado a Lênin, este fez sentir a sua influência a favor da inclusão da matéria e conseguiu que os delegados russos mudassem a sua posição.

Os bolcheviques tampouco encaravam os capítulos restantes do programa com a adoração religiosa, de um texto sagrado. Se tivessem visto assim os problemas, ao pé da letra, simplesmente não teria havido Revolução de Outubro. Pois suas palavras de ordem fundamentais naquela ocasião, como "Todo o Poder aos Sovietes", não constavam ainda em programa nenhum. E no que diz respeito à questão da terra, esta foi enfrentada de modo contrário às previsões programáticas, quando o solo, em vez de coletivizado desde o início, foi entregue individualmente aos camponeses.

Acontece que os revolucionários russos tinham uma visão dialética das lutas de classes e não uma visão mecanicista. Sua atitude face às contradições que a própria luta gera pode-se definir melhor com as palavras de Lênin: "**Nenhuma prática sem teoria, nenhuma teoria sem prática**". Esse conceito implica na necessidade constante não só da fundamentação teórica da ação, mas igualmente do confronto da teoria com a realidade. Um programa que em grande parte é uma antecipação teórica de futuras lutas, requer esse confronto constante com o desenrolar da realidade.

Esse confronto é atividade empírica, e o método empírico de observação e análise é inerente ao socialismo como ciência. O fetichismo da palavra - e as atitudes decorrentes - não deixam margem para esta pesquisa empírica. Parte de princípios e verdades "inabaláveis", que pretende impor à realidade.

2) Que a autocrítica, embora represente um passo para a frente, ainda fica na metade, mostra o tratamento que está sendo dado ao GRT. Além do desgaste ao qual a palavra de ordem está sendo submetida, está sendo apresentado como o nosso objetivo estratégico mais próximo e mais imediato e essa imprecisão foi reforçada agora pela adoção de uma lista de reivindicações ligadas ao seu nome. Outro resultado do método de querer usar o programa como um livro de receitas para enfrentar situações difíceis.

A definição do GRT surgiu como um ponto programático (aproveitando a experiência internacional) e chegou a ser utilizado como palavra de ordem propagandística em determinados momentos, quando governos populistas procuraram apoio ativo do proletariado, com o beneplácito do PCB. Foi usado principalmente para deixar claro em que condições comunistas podiam entrar num governo não socialista ou apoiá-lo ativamente. Não apresentamos a formação do GRT como objetivo próximo nem como marco obrigatório no caminho da tomada do poder. Durante os debates em torno do texto provisório isso ficou claro. Foram eliminadas todas as tentativas de apresentar o GRT como solução dos problemas econômicos, sociais, e políticos do país, uma espécie de substituto da revolução socialista (projeto RMM) e destacada a sua possibilidade e transitoriedade no decorrer das lutas de classes no país.

O GRT, em determinadas condições se tornou palavra de ordem propagandística para nós e se tornará de novo, independente da sua viabilidade ou não. Mas o mínimo que se deve supor para uma situação dessas, é que o proletariado tenha atingido novamente certo grau de organização e presença no cenário político nacional, o que por sua vez torne atual a luta pela Frente Única dos Trabalhadores da Cidade e do Campo - a base de sustentação de semelhante governo de transição. E somente em tal situação poderemos formular um programa de ação para o GRT. A colcha de retalhos que os companheiros apresentam atualmente, à base do método do "que mais devemos exigir?" não tem nada a haver com a realidade que se apresentará quando o problema do GRT poderá estar em foco. Por outro lado, para se definir o GRT de um ponto de vista programático, bastam as características apresentados no PSB.

3) O objetivo estratégico mais próximo para nós representa a intervenção **do** proletariado como classe no cenário nacional. Sem essa intervenção evidentemente não adianta falar de GRTs nem há possibilidade de levar essa problemática à classe. Sem a intervenção ativa do proletariado, não haverá progresso no caminho da formação da classe independente e muito menos ainda hegemônica. Esse é o problema cardinal, que enfrentamos hoje e no futuro próximo.

É evidente, e sempre o assinalamos, que a independência do proletariado, o surgimento da classe para si, não se dá da noite para o dia. Trata-se de um processo, que consiste

essencialmente de lutas, de muitas lutas parciais, de derrotas, mas também de vitórias parciais. O resultado é a formação de uma consciência coletiva, produto do aproveitamento da experiência comum. É essa experiência coletiva que permite à classe conhecer a sua força, escolher as formas de luta mais eficientes, distinguir inimigos de amigos e colocar o problema da solução histórica da emancipação.

Nos anos que precederam ao golpe de 1964, o proletariado brasileiro tinha se manifestado mais de uma vez como classe, mesmo se estas manifestações ainda se dessem sob o manto do populismo. Basta lembrar a greve geral de São Paulo, por exemplo, preparada por trabalhistas e pecebistas "pelo gabinete nacionalista San Tiago Dantas". Quando o PTB e o PCB, na última hora, quiseram evitar a greve (o slogan estava superado para eles), o proletariado parou a produção contra a vontade de seus patrocinadores políticos. Pois atrás do slogan oficial havia uma série de reivindicações de classe, que representavam a verdadeira força motriz da mobilização operária. O processo de amadurecimento do proletariado foi interrompido em 1964 (não foi gratuitamente que se chegou a caracterizar o Golpe como "contra-revolução" preventiva). Hoje, treze anos depois, trata-se evidentemente de retomar o fio da meada, mas não será retomado no ponto de ruptura. Por um lado, a ditadura militar também é experiência que de uma ou de outra forma se conscientizará para a classe. Por outro lado, a classe não é a mesma. "*Não se entra duas vezes no mesmo rio*". Todo ano uma nova geração entrou no processo de produção, alterando passo a passo o nível da experiência de luta, mas também o quadro político-ideológico herdado.

Hoje o problema fundamental é fazer o proletariado lutar por suas reivindicações mesmo se essa luta se realizar ainda parcialmente sob capa ideológica estranha. Somente um proletariado que entra em movimento, que luta, estará em condições de enriquecer a sua experiência e de se livrar das tutelas ideológicas burguesas. É o proletariado em movimento que representa o campo apropriado para nós semearmos e colhermos.

Desse ponto de vista, é secundária a questão de "por quantos por cento" os operários devem lutar. O essencial é que lutem e que se organizem na luta. E desse ponto de vista, a discussão "110 x 200 % de aumento" foi absolutamente estéril.

Em primeiro lugar, não é tarefa nossa querer prescrever aos operários por quantos por cento lutar. Em segundo, uma porcentagem exageradamente alta (que, aliás, se apóia em premissas políticas falsas) desencoraja e aborta qualquer greve, pois se choca com o senso de realidade, que têm das relações de forças.

O caminho tem que ser o inverso. Temos que auscultar a opinião coletiva dos operários para saber até que ponto estão dispostos a lutar em todo o momento e apoiar (e conscientizar) as suas reivindicações. Pois o operário não entra em greve porque nós temos lá os nossos conceitos sobre economia e dependência e sim porque obedecem a uma força motriz coletiva. O essencial, no momento presente, não é tanto o teto das reivindicações, mas as ações coletivas para impô-las.

Por outro lado, os companheiros não pensaram em todas as conseqüências de semelhante política no campo salarial. Na prática tende a fortalecer a posição dos democratistas no seio do proletariado. Colocar como objetivo político o restabelecimento do nível de vida de 1964, equivale à palavra de ordem de "abaixo a super-exploração" - e implicitamente "por uma exploração capitalista mais atenuada". E se a meta for o restabelecimento do nível salarial de antes do Golpe, porque não também o sistema político, que permitiu ao proletariado desfrutar o nível de vida de então?

Há uma diferença entre a denúncia de determinada situação e a formulação de uma palavra-de-ordem.

4) Entendemos que a tentativa de acoplamento do GRT com reivindicações atuais surgiu do

receio de ficar na atividade diária num nível economicista. Esse perigo pode existir naturalmente, mas não nos parece tão agudo.

Em primeiro lugar, não acreditamos que os companheiros se deixem impressionar pela argumentação dos nossos inimigos das fileiras da pequena burguesia. Concessões nesse sentido, com o intuito de desarmá-los, aliás, nada adiantariam, pois o que entendem por "política" é o apoio às posições pequeno-burguesas,

Para nós, a mobilização de forças proletárias, passo a passo, até um confronto de classe contra classe é altamente político, é o fator essencial para mudar o nível da política nacional. E essa luta constante e essa mobilização progressiva, para nós só podem representar um veículo para um trabalho político direto na classe operária. Implica isso numa constante análise de classe da sociedade - não com chavões, mas à base de exemplos concretos - e numa incessante interpretação dos atos dos inimigos para o proletariado. Toda nova lei, todos os atos político-econômicos do governo, devem ser interpretados objetivamente para os operários. Isso é essencial para um processo de politização da classe.

E havendo preocupação justa de ligar lutas parciais aos nossos objetivos finais, então não devemos confundir estes com soluções transitórias. Os nossos objetivos finais são o socialismo e a revolução mundial vitoriosa.

Os companheiros já se esqueceram que lutamos pelo Brasil Socialista? É o socialismo que temos de propagar no meio do proletariado como alternativa à ordem social existente. E se o fizermos com critério (evidentemente pode-se desgastar qualquer palavra de ordem) o Brasil Socialista é assunto que merece alguns "vivas". Evidentemente, também a propaganda do socialismo não deve ficar no reino da abstração. Deve partir de fatores reais, da força objetiva que o nosso proletariado já tem no processo de produção e do poder que representa junto com o seu aliado potencial do campo. Deve apontar não só a possibilidade histórica do socialismo no Brasil, mas também a sua necessidade, como única saída para vencer a exploração capitalista, o subdesenvolvimento e a dependência externa.

Finalmente dispomos da grande arma da existência de um país socialista no Continente, cujas realizações estão praticamente desconhecidas da massa. Trata-se do único país latino-americano que venceu problemas típicos continentais, como fome, miséria, doenças endêmicas, analfabetismo, etc. Essa arma, da propagação de conquistas socialistas num país latino-americano, ainda não foi usado de um ponto de vista revolucionário.

5) No que diz respeito às questões táticas da luta diária, nós aqui estamos longe demais da frente para podermos entrar em muitos detalhes. Há, entretanto, alguns problemas sobre os quais queremos chamar a atenção dos companheiros.

Nos últimos documentos consta um esquema de trabalho em relação aos sindicatos, respectivamente, oposições e delegações sindicais, que prometem se tornar campo de atuação principal.

Até aí nada a objetar. É perfeitamente viável que esse terreno se torne essencial para o trabalho na classe. O perigo consiste em se tratar de nova "receita", uma espécie de panacéia para a solução dos problemas internos e externos da O.

Que esse problema existe, nota-se primeiro pela falta de um contexto das atividades nesse setor com uma tática geral de trabalho operário. Em segundo lugar, os debates em torno do assunto já fizeram surgir os primeiros "planos" no nível do antigo PTCP.

Não sabemos dizer daqui se hoje já é hora de falar de um Congresso dos Trabalhadores nacional. Somos céticos a respeito, mas em todo caso, baseando-se

nas instituições legais, que os sindicatos oferecem, semelhante conclave ainda não ultrapassaria o nível sindical existente. Na discussão, porém, surgiram imediatamente vozes que prevêm a transformação de tal encontro num congresso de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, atribuindo-lhe a função de organizar a classe e as lutas futuras. Trata-se evidentemente de mais um exemplo de irracionalidade política, incapaz de avaliar relações de forças e situações objetivas. A responsabilidade aí cabe ao CN, que ao propor o trabalho esqueceu-se de colocar os pontos nos "ii". Acreditamos que os seguintes fatores têm que ser levados em consideração na elaboração de uma tática neste setor:

- Não temos, em verdade, sindicatos operários no Brasil e a existência de um sindicalismo oficial, herdado do Estado Novo, fez com que no meio do proletariado brasileiro não se desenvolvesse uma consciência sindical como na Argentina, por exemplo.

- O lugar fundamental para a organização da classe está situado nos centros de produção, na fábrica, na empresa, onde o proletariado passa a sua vida: coletiva. O fato de isso não ter sido possível durante muito tempo, não nos deve fazer esquecer esta verdade. Em caso nenhum devemos querer transformar o mal em virtude. Devemos saber distinguir quando chegar novamente a hora de lançar a palavra de ordem dos Comitês de Empresa, como propaganda preparatória, e quando começar a enfrentar o problema na ação (independente da terminologia usada). Essa forma de organização do proletariado foi comprovada nas lutas de classes do país. As únicas greves gerais, realizadas até agora, durante o regime militar, Contagem e Osasco, foram realizadas à base de Comitês.

- O atual trabalho sindical, com delegações e Oposições só tem sentido se abrir para nós o caminho para as empresas. No presente momento, provavelmente, não conseguiremos mais do que formar núcleos de operários mais ou menos combativos, mais ou menos conscientes. As delegações podem oferecer uma cobertura legal ou semilegal para a formação de tais núcleos.

Funções idênticas podem ter as oposições sindicais, que se radicalizam na medida em que a classe toda começa a locomover-se. Parece-nos errado, entretanto, a tática de formação das OSPs, distintos das OS. O conteúdo que os companheiros atribuem àquelas, não corresponde ao nível atual das lutas de classe no país. Temos de formar frações no seio das OS existentes e não nos isolar com construções artificiais, abandonando os operários à influência dos pelegos.

Não tem cabimento isolar-nos de movimentos reivindicatórios ou de greves por que estejam sob liderança ideológica populista. É a luta comum, o apoio efetivo que podemos dar aos diversos movimentos, que criam as condições para sermos ouvidos politicamente pelos operários, para a nossa literatura penetrar e os nossos conceitos serem debatidos por eles.

A formação de OSP's, no presente momento, parece-nos uma tática ultra-esquerdista, condenada a falhar.

A luta pela liberdade sindical, inseparável de qualquer atividade sindical nossa, deve ser travada à base de reivindicações. No passado, antes do Golpe, exigimos:

- Abolição dos controles financeiros do Ministério por intermédio do Banco do Brasil;
- Abolição do Estatuto Padrão;
- Abolição da Comissão de Enquadramento do Ministério do Trabalho e de qualquer outra possibilidade do Ministério influir na estruturação dos sindicatos, federações e confederações;
- Abolição do Imposto Sindical;
- Formação da Central Sindical.

Hoje volta a reivindicação de abolição do atestado de ideologia, na forma que existir. Não estamos revivendo essas reivindicações porque julgamos a sua realização possível durante a ditadura militar. Devem indicar aos operários simplesmente os pontos de atrelamento e dar à luta a direção mais concreta do que permite a fórmula vaga da "liberdade e autonomia sindical" dos pelegos.

Dissemos que víamos o perigo do novo esquema tático se tornar também uma nova "receita", uma nova panacéia. Queremos lembrar aos companheiros que há bastantes precedentes nesse sentido. Não faz tanto tempo assim o grupo aproveitou o plano de trabalho com as Comissões Operárias, que então eram tidas como o ovo de Colombo. Naquela época advertimos os companheiros para não se adiantarem demais nesse campo. Recomendamos trabalhar com as Comissões existentes, mas averiguar melhor se se tratava de fenômeno isolado ou de uma forma organizatória operária com futuro. Parecia-nos que esse tipo de Comissão, composta ao acaso de operários de diversas empresas, sem lastro próprio nos lugares de trabalho e sem denominador político comum, era um fenômeno passageiro que, antes de prometer algo para o futuro, refletia mais a precariedade do nível do movimento. Não recebemos resposta a essas ponderações, mas quando as esperanças de então se desfizeram, veio a ressaca. O método tradicional dos últimos anos na O. nesses casos era substituir uma "receita" por outra, para levantar o ânimo e para iniciar um novo ciclo de decepções.

Hoje deve estar claro para os companheiros que algo está podre no Reino. E esse "algo" é fundamentalmente o próprio método que está em jogo.

6) Hoje deve estar claro, também, para os companheiros, que as coisas não podem continuar no mesmo pé, da mesma maneira, com o mesmo método de trabalho como dantes. Chegamos a um ponto em que mais uma cisão poderá significar o fim do grupo em si. Não é só um ambiente sectário e dogmático criado internamente, onde qualquer discussão e divergência ameaçam degenerar em racha, que é responsável por isto. Verdade é também, que o grupo há tempos não tem nada a oferecer para fora, a não ser um quadro confuso de lutas internas, travadas de forma incompreensível para terceiros.

Uma premissa para superar a situação presente é que os próprios companheiros tenham consciência da responsabilidade que tomaram no processo de decomposição da Organização. Para evitar a repetição dos mesmos erros, nas mais diversas variações, não bastam mais paliativos, nem meias verdades. O mal tem que ser exterminado pela raiz ou exterminará o resto da Organização. Não adianta quereremos iludir a nós mesmos.

O que caracteriza a OCML desde o início é o subjetivismo que a dominou. Criou um mundo próprio, que se chocou periodicamente com a realidade existente. Isto é, criou ficções políticas e se tornou vítima delas. Com o PTCP, a crise atingiu um primeiro auge e esboçou-se numa rebelião nas fileiras, que prometeu mudar a situação. De fato, o que mudou foram as matizes; o subjetivismo, o voluntarismo e as ficções continuaram. Se os companheiros do antigo CN pecaram em querer a todo custo conservar táticas provenientes de outras situações subjetivas, a nova direção iniciou uma fase revisionista, com construções teóricas artificiais, tão ou mais estranhas à luta real como no passado. A única diferença é que agora surgiram tendências que conscientemente visavam uma liquidação da herança e dos fundamentos teóricos da PO.

Era evidente que esse fenômeno, em parte, era resultado de prolongado isolamento da O. na ilegalidade e da passividade do proletariado. Esse isolamento, a prazo maior, fez que a pouca expansão do grupo, na medida em que se deu, foi para o lado estudantil. A falta de uma atividade sistemática na classe operária e o aumento de quadros estudantis criaram uma discrepância entre teoria e prática. Enquanto no princípio se procurou fechar os olhos e se limitar a repetir as formulações do passado, que dessa maneira se tornaram chavões, a nova liderança procurou solucionar as contradições com a tentativa de se livrar do "peso

morto" do passado. Agiu dentro de padrões estudantis e sem ligação com o movimento operário vivo. Em função do seu papel de "vanguarda" entendia moldar um movimento operário, tal como achava que devia ser. Os companheiros agiam como estudantes e intelectuais presos a formas idealistas de raciocínio. Não usavam as suas cabeças para captar e interpretar corretamente uma realidade existente e, sim, para inventar esquemas e soluções. Mas os esquemas e soluções eram, antes de tudo, produto de ideologia pequeno-burguesa, trazida para dentro da O.

Essa evolução era acompanhada por crescente sectarização e dogmatização internas do grupo. A falta de capacidade criadora nas tentativas de aplicar o marxismo na realidade existente, fez com que se propagasse um "leninismo" para uso caseiro, que faria o companheiro Lênin virar-se mais uma vez na tumba, se tomasse conhecimento dele. Um último auge atingiu essa orgia dogmática no debate sobre a questão de qual das soluções para o aumento salarial - 110 % ou 200 % - era "leninista" e qual era "traição".

Antes de tudo, esse leninismo mal compreendido e mal digerido tinha de servir como cobertura de um elitismo auto-suficiente, que condenava tudo que não cabia no esquema como "espontaneísta". E o espontaneísmo seria o pecado original da classe operária. As lutas de classe teriam de se desenvolver conforme os planos preestabelecidos, de fora para dentro, de cima para baixo. E os Deuses ex máquina, que agiam de fora e de cima, éramos evidentemente nós, mesmo se não fomos compreendidos pela grande massa.

Essa postura não tem nada a haver com a função de uma vanguarda proletária. Esqueceu-se (os padrões da política estudantil nunca levava isso em conta) que o partido revolucionário é um produto da fusão da teoria marxista com o movimento operário vivo. Isso significa, e sempre significou, que não somos nós somente que temos algo a dar, mas igualmente o proletariado; que não são somente os operários que teriam algo a aprender, mas igualmente a vanguarda teórica. O processo não pressupõe um papel passivo do proletariado, disposto a absorver as sabedorias trazidas de fora por nós, mas a vanguarda teórica igualmente tem de aprender a lidar com as formas de luta e de organização que o movimento vivo desenvolve espontaneamente.

Sem as ações espontâneas das massas não haveria luta de classe, pois não fomos nós que a inventou. Sinal é a presente situação, na qual dependemos nitidamente do surgimento de ações espontâneas das massas operárias, para poder desenvolver uma ação política mais consciente no seio delas.

Lênin nunca subestimou a ação espontânea das lutas de classe. Ele combateu as tendências que idealizaram o espontaneísmo, que queriam dar-se por satisfeitas com essa forma de luta ou que esperavam que as lutas espontâneas se transformassem por si só em luta consciente pelo socialismo. Aí ele via o papel indispensável do partido revolucionário da classe operária. Mas uma vanguarda teórica e automeada só tem possibilidade de se desenvolver e crescer em direção a um partido, quando sabe interpretar corretamente o movimento espontâneo da classe. A construção artificial de um mundo subjetivo fecha o caminho para isso, e é justamente o que nos aconteceu.

7) Chegou a hora da verdade, e isso significa que temos de nos livrar de todas as ficções que nos impedem de encarar a realidade dos fatos. Em primeiro lugar, temos de livrar-nos da ficção de estarmos preenchendo o papel de uma vanguarda proletária nas lutas de classes do país, Não estamos, pois tanto no terreno teórico como no prático estamos em plena crise e viramos seita, em lenta decomposição.

Em segundo lugar, devemos abandonar a ilusão de que basta uma nova discussão interna, a emissão de uma nova série de TD's, um reajustamento da linha política para nos recuperar e representar novamente o que já fomos. Para isso, foi desvirtuado demais o caráter da O.

O que se impõe como primeiro passo, para assegurar a sobrevivência do grupo que restou, é uma mudança radical e consciente do método de raciocínio e de ação. Devemos aprender humildemente a raciocinar como marxistas, pelo método materialista dialético - e tirar as conseqüências práticas disso.

Por isso estamos absolutamente contrários aos planos propostos para vencer a crise, no sentido da convocação de um Congresso e da elaboração de um novo programa.

Com o que dispomos hoje em número de quadros e de bases, a realização de um Congresso seria uma temeridade. Com as experiências predominantemente negativas que a O. colheu durante os últimos anos, ela realmente não está em condições de enfrentar o problema da atualização do programa - sem falar do fato que a situação objetiva não o justificaria ainda. Isso só será o caso, quando as lutas de classes tomarem novas dimensões e se tiver mais clareza sobre formas de luta e de organização desenvolvidas pelo proletariado.

Vemos nessas propostas (Congresso e programa) uma tentativa para usar novamente paliativos, para "ocupar" as bases, evitar um progresso da decomposição do grupo e criar novo dinamismo interno artificial. Achamos que o resultado não será duradouro nem corresponderão às expectativas. Afinal, os companheiros têm a experiência de 1970.

Para clarear as nossas tarefas e responsabilidades para os nossos quadros (que é fundamental no momento), mas também para fora, na medida em que esta clareza estiver criada, não é preciso de Congressos formais, e sim de debates em todos os níveis, bases, ativos e plenos. Basta uma plataforma de lutas, para definir a problemática, que contenha uma análise da conjuntura econômica e política do país, a situação das classes, especialmente do proletariado, as tarefas a enfrentar e a situação do grupo. Julgamos importante que a Organização não se feche nos debates, que estes sejam acompanhados por uma mudança qualitativa das atividades, pelas quais o CN tome a iniciativa, na medida em que se sinta apto para isso desde já. Julgamos importante a função do CN nos debates, no sentido que se oriente em torno de problemas vitais e não os deixe descambar.

Os companheiros responsáveis têm que ter clareza que estamos hoje perante e necessidade da reconstrução de uma organização revolucionária. É claro que não se trata de recomeçar do Ponto Zero, nas bases de 1961, quando não passávamos de uma organização estudantil bem intencionada. Hoje, não só temos as experiências positivas e negativas da O. nas lutas de classes como existem também quadros em condições de aproveitá-las. O caminho, agora, não precisa ser tão penoso e tortuoso, como foi nos anos 60, pois podemos partir de um ponto mais alto do que o daquela vez.

Para que isso se dê de fato cremos ser indispensável a questão da formação de quadros - problema que a O. evitou enfrentar nos últimos anos. Sob formação de quadros entendemos não só o estudo sistemático do marxismo-leninismo e da realidade nacional (principalmente para os quadros de origem pequeno-burguesa), mas igualmente a aprendizagem sistemática da prática revolucionária. Esta significa, no presente momento, e para o futuro previsível, o contato, a convivência e a atuação com a classe operária. Isso tem que ser ensinado aos quadros, para evitar diletantismo, "quebra-louça" e para que o militante da O. se sinta na classe como peixe na água fria.

Para atingir este nível, o de uma vanguarda proletária, é indispensável a formação e integração sistemática na O. de quadros políticos operários. O conceito leninista de organização prevê justamente a convivência do intelectual e do operário revolucionários na mesma casa, sob o mesmo teto, para que criem um denominador comum na luta. Para nós, na presente situação, os militantes operários são indispensáveis: 1) como contatos diretos para a classe, que permitam de fato uma atuação sistemática e 2) para a elaboração de uma tática diária, que fique com os pés na terra; e uma literatura, que vá de encontro às necessidades da luta operária. No que diz respeito a esse ponto,

recomendamos a inclusão nas redações dos órgãos de trabalho operário de um operário experimentado, que conheça o ambiente onde circulem os jornais ou volantes.

Isso coloca novamente o problema da composição orgânica da O. Temos que evitar que se crie novamente uma situação em que a maioria dos militantes saiba dos problemas da luta operária de "ouvir falar" e que na prática faça política estudantil. Isso fará rebaixar o nível político da O. e abrir as portas às influências ideológicas pequeno-burguesas. Não vemos, portanto, sentido num recrutamento indiscriminado de elementos estudantis, nem em uma política que vise fazer concorrência às organizações pequeno-burguesas nas Universidades. Precisamos de estudantes, mas devemos recrutá-los na medida em que pudermos absorvê-los numa prática revolucionária.

Se conseguirmos preencher essas premissas, vemos perspectivas favoráveis para uma recuperação da PO em poucos anos. Ainda não vemos outro ponto de partida para o surgimento de uma organização revolucionária, que no cenário das lutas de classes do país faz hoje mais falta do que nunca.

Dos nossos erros e falhas do passado recente tem lucrado até agora principalmente o centrismo. Vemos nisso um mal menor. Sabemos das suas limitações naturais. Por enquanto está em voga, principalmente pelo reforço que recebeu de ex-militantes nossos. O centrismo conservará no seu seio muitos revolucionários honestos e aproveitáveis, até o momento em que as contradições de sua linha conciliatória se fizerem sentir nas bases. Se nós nos tivermos recuperado de fato, estaremos em condições de separar o trigo do joio. Por enquanto não adianta querer forçar a situação. Por enquanto o nosso problema chave se encontra em nós mesmos. Valemos pelas nossas posições.

PO – Exterior, maio de 1977.